Nos 55 anos da AMRIGS, uma homenagem ao coração do médico

Nestes dias obtusos que atravessamos, há um herói anônimo em cada fim de mundo, em cada grota, em cada bloco cirúrgico, em cada consultório, em cada periferia das grandes cidades que precisa, mais do que apenas lembrado, ser homenageado.

Ele chega falando em plano de carreira, em tabela de SUS, em 100% do CPMF, em mais de bilhão do calote dos planos de saúde contra o SUS, em orçamentos institucionais de saúde.

Nosso herói convive no país com o mais brilhante marketing da impunidade, quando a mentira institucionalizada, as condições de desigualdade, seja a desigualdade social ou a desigualdade dos papéis, converte o mocinho em vilão e vice-versa.

Convive em um país que, esquecendo os compromissos pétreos com a verdade, vê parte de seus intelectuais elogiarem estrepitosamente a ignorância. Cresceu num compromisso com o estudo, com a verdade científica, com rigor acadêmico, com atualização. É obrigado a suportar uma "new wave" disseminadora da mais nociva das mentiras: para vencer na vida não é preciso estudar. Para os mais altos cargos da República, é dispensável o conhecimento. Tudo ao contrário do que aprendeu desde os bancos escolares: só o saber, só o conhecimento acumulado liberta e traz progresso. A UNESCO nos classifica no 72º lugar do *ranking* em educação, na frente apenas do Chade, da Síria e da Colômbia.

Nosso herói há muito tempo vive quieto, solidário, feliz com a sua atividade quando é capaz de salvar, de confortar, de aliviar, de prevenir. Vive infeliz, em um percentual muito grande, quando se reduz a uma carteira assinada e a um processo de exploração que nem a Justiça do Trabalho mais conserta. Mas vai levando na defesa mais primária, mais simplória e mais aguerrida, mais incondicional de algo que para ele, estabelecida a relação, não pode ser medido em proporções monetárias, em condições de ganho. A Unidade de Medida Médico/Paciente é a grandeza humana.

Por isso endurece seu coração quando é convidado a coonestar um sistema que põe de lado a classe dos profissionais, que se formaram na defesa de seus clientes, e de outro, uma monumental demanda acumulada. Entretanto, entre o herói e o cliente, os governos ergueram um muro, misto de burocracia mais incompetência, mais má-fé, de colossal e incomensurável altura, que impede o milagre da solidariedade. Seu heróico dia-a-dia é a guerra, sangrenta e permanente, na derrubada deste muro.

Interpreta a seu modo o fato de o Ministério da Saúde de seu país trocar três Ministros em quatro anos, expressão de caos em movimento desordenado, para vê-los passar impunemente, enquanto o imenso muro traz pintado o nome de uma mulher em plena campanha eleitoral: para qualquer cargo político, Bia Falcão. José Aristodemo Pinotti, nome de maior respeito como médico, político e escritor, noticia na *Folha* de ontem a falta de acesso aos hospitais, aos postos de saúde, onde inexiste a atenção primária com resolutividade. O sistema está, despudoradamente, na contramão da historia, centralizado, ao invés de periferizar, pois nos seu país era esperada a municipalização e na nova Constituição a disseminação participativa dos seus 5.500 municípios indicava uma via inversa.

04aaaa-DIA DO MÉDICO.p65 275 11/1/2007, 09:04

Não há financiamento para os hospitais públicos e filantrópicos. Os remédios são sempre adquiridos de forma escandalosa quando existem e o seu desaparecimento tem origem na Lei das Patentes com a destruição da farmoquímica brasileira.

Nos países de renda *per capita* como a nossa, a mortalidade infantil, índice ora sanitário, ora social, é 30% maior. Morrem 20 vezes mais mulheres no período perinatal no nosso país do que em Portugal. Cinco mil mulheres morreram em 2005 de Câncer de Colo do Útero. Só nós sabemos a que catástrofe estamos nos referindo.

Aquele SUS belíssimo da Constituição de 88 apagou-se. Seus usuários não reagem, pois acham que a saúde é um favor. Tornou-se uma relação de poder, do poder e dos poderosos contra os necessitados.

Há uma medida provisória (148/3) que regulamentou os planos de saúde que foi feita apenas para as operadoras. É a maior maldade contra médicos, hospitais e usuários, e, principalmente, contra os idosos, que, depois de longos anos de pagamento das prestações, são obrigados a abandonar seus planos pela impraticabilidade, não só dos pagamentos das prestações como da contraprestação apenas parcial e unilateral da assistência.

Somos todos testemunhas das piores condições de nossas emergências superlotadas, somos todos testemunhas da pequenez, da insuficiência e da má qualidade da nossa rede primária, inclusive na quase ausência da promoção da saúde e da educação para a saúde.

Somos todos testemunhas de uma política incompleta e muito longe da nossa realidade, na área do socorrismo, onde o acesso, que deveria ser fácil, a disponibilidade, que é duvidosa, e a proximidade inalcansável, nos fazem corar de vergonha das inúmeras omissões de socorro, vistas diariamente nos gabinetes políticos, quando a falência das instituições e o boicote declarado, explícito, faz com que muitas vezes nosso herói com sua potência de Fórmula 1 instalada no velho calhambeque das agências burocráticas, arcaicas, esclerosadas.

Nosso herói, evidentemente, só pode ser o médico e sua fantástica noção ética, de efetiva e afetiva solidariedade. Queremos melhorar a saúde de nosso país com o fim do nauseabundo "teto" para os hospitais públicos e filantrópicos, especialmente os de ensino universitário.

Em 2005, foram 36 bilhões – 2,5 do PIB. É pouco e foi muito mal aplicado, como começam todos os artigos da literatura especializada em saúde pública. Mais todo CPMF mais o milhão do calote dos planos de saúde atingiriam os 5%. Nas nações que priorizam a saúde, a aplicação é de, no mínimo, 10% do PIB.

Todas as noites, tendo que dormir com a tragédia da saúde, na sua querida profissão, com a indignação que a defesa de seus pacientes desencadeia, dorme com a consciência de que, em cada atendimento há mais do que a mensagem vivida, de qualidade de vida, de obstinação. Há a mais gloriosa de todas as celebrações. Há a vida e seu recomeço, pois ele, nosso herói nestes dias de incontáveis dúvidas, tem uma única certeza: mesmo perante a maior das tragédias, há um dia seguinte no coração de cada médico.

CLÁUDIO SEBENELO

04aaaa-DIA DO MÉDICO.p65 276 11/1/2007, 09:04